

ENTRE O FALANTE IDEAL E O SUJEITO FALANTE: POR ONDE SE MOVE A PESQUISA LINGÜÍSTICA E/ OU POR ONDE CIRCULA O LINGÜISTA

Cláudia Thereza Guimarães de Lemos
Universidade de Campinas

É impróprio, a meu ver, falar sobre pesquisa lingüística sem lembrar as primeiras frases do prefácio de Milner a um livro seu, modesta ou ironicamente intitulado *Introduction à une science du langage*: “A lingüística deseja ser uma ciência. Fora esse desejo, ela não tem nenhum estatuto[...]” (1989, p. 9). Não há como deixar de ler nessa frase o projeto que o livro atualiza, ao mostrar como esse desejo esbarra sempre em dificuldades que fazem da história da lingüística uma sucessão de idas e vindas em torno dos limites de seu objeto e da possibilidade de apreendê-lo.

Disso dá testemunho também o esforço de Saussure que funda a Lingüística ao fazer da língua, separada da fala, a condição de existência dessa disciplina; disso também padece o lingüista diante do impossível que é fazer de sua “análise” uma operação que possa prescindir da singularidade de sua escuta. Ou, em outras palavras, uma operação que possa escapar à circularidade que advém do fato de que sua posição como lingüista não constitui uma instância independente de sua condição de falante.¹

Foi por isso que respondi à convocação para falar sobre pesquisa lingüística com um tema vazado em um título e dois subtítulos: **Entre o falante ideal e o sujeito falante: por onde se move a pesquisa lingüística e/ou por onde circula o lingüista**.

Quero chamar a atenção para o fato de que o que opõe um subtítulo ao outro é tanto a diferença crucial entre **circular** e **mover-se** quanto seus sujeitos. De fato, quem circula entre o falante–ouvinte ideal e o sujeito falante é o lingüista e com isso quero apontar para um lingüista que, sem saída, vai de uma posição para outra e, ao mesmo tempo, leva seu objeto – língua ou fala – de um lugar para o outro.

Quem simplesmente se move da posição do sujeito–falante à de falante–ouvinte ideal é, por outro lado, a pesquisa lingüística, isto é, um empreendimento, digamos, coletivo, idealizado sob essa expressão que, como tal, quer-se neutra ou indiferente às figurações de que a lingüística se serve para tratar do que Milner, no mesmo livro chama de **factum loquendi**. Isto é, do que corresponde à proposição factual “os homens falam” e da qual se extrai ou abstrai o **factum linguae**, o fato de haver língua ou línguas (o que não deixa de colocar problemas) e do qual, mais uma vez, se extrai, se abstrai ou se recorta, o **factum grammaticae**, o fato de haver gramática (op. cit.: pp.41-44)². O objetivo deste trabalho é, por isso mesmo, tocar em algo que resiste a essas extrações sucessivas e à ciência que delas se ergue e nelas se sustenta.

¹ Glória Carvalho tem-se dedicado, desde sua tese de doutorado em 1995 até agora (ver principalmente sua brilhante contribuição ao livro organizado por Lier-de Vitto e Arantes, 2006), a discutir a posição do investigador da aquisição de linguagem diante do erro que se faz presente na fala da criança e cujo estatuto, relativamente ao saber/não-saber da criança, deve ser definido por esse mesmo investigador. É importante deixar claro aqui que este trabalho, embora não seja especificamente voltado para a investigação da fala da criança, deve muito à reflexão dessa autora.

² Interessante, nesse sentido, é o trabalho que vem sendo elaborado por Núbia Faria sobre como se dá, do ponto de vista metodológico, a passagem do estruturalismo americano para a chamada revolução

Não há nada de novo no que trago aqui ao me ancorar no recorte milneriano: a lingüística é inaugurada ao definir seu objeto, ao separar a língua da fala, separação essa que veio a ser traduzida como fronteira entre o analisável e o não-analisável e que, por sua vez, passou a incidir sobre o normal e o patológico, o adulto e a criança. O que trago aqui como algo pouco contemplado ao questionar-se essa separação são suas conseqüências, ou melhor, os paradoxos encobertos pela naturalização da prática do lingüista.

Foi, de fato, em um momento da minha prática como lingüista voltada para a fala da criança, que me dei conta dessas conseqüências, a ponto de mudar a direção de minha pesquisa sobre aquisição de linguagem³. Um caso em particular me servirá para esclarecer o que vim a pôr em questão no que diz respeito à posição do lingüista.

Trata-se de dois enunciados produzidos em diálogos mãe-criança, ou melhor, entre uma menina de quase dois anos e sua mãe, enunciados esses que a pesquisadora Lois Bloom apresenta como evidência empírica de uma das hipóteses centrais de seu livro sobre gramáticas emergentes (1971). Segundo a autora, a seqüência *Mommy sock* (‘Mamãe meia’) que aparece nesses dois diálogos são instanciações de significados e, por isso, segundo a autora, de estruturas diferentes.

No primeiro, essa seqüência é produzida por Kathrin no momento em que sua mãe estava pondo a roupa na lavadora e segurando um par de meias seu. A esse enunciado, segundo Bloom (*op.cit.*: 7-9 e *passim*) deveria ser atribuído uma significação possessiva e uma estrutura do tipo *Mommy’s sock* ou *The sock is Mommy’s*. Já no segundo episódio, como a mesma seqüência é produzida no momento em que a mãe estava calçando meia na menina, a esse enunciado seria atribuível o significado *Mommy is putting the sock on* e, conseqüentemente, uma estrutura gramatical diversa.

Para a investigadora, sua interpretação, por ser baseada no “contexto” (palavra mágica naquela época), era a garantia de que a estrutura “profunda” que representaria o conhecimento lingüístico da criança no estágio de dois vocábulos era uma estrutura completa que só não se atualizava na estrutura “superficial” por limitações de ordem cognitiva. Daí sua hipótese de que, para atender a essas limitações, seria necessário uma transformação de redução da estrutura profunda que operaria na eliminação do que excedesse a dois vocábulos (*op. cit.*: 69-74)⁴.

Algo me soou estranho nessas ilações e me levou de volta à lista de ocorrências de enunciados de Kathrin que continham a palavra *Mommy* (*op. cit.*: 46-48). Nessa lista encontrei, então, os diálogos de que *Mommy sock* fazia parte e, ao que tudo indica, produzidos na mesma sessão de gravação:

“(79) (M holding M’s socks)

Here’s Mommy’s dirty socks.

Wash. We’ll do the laundry and wash’em

chomskiana. Particular interesse tem sua discussão do método estruturalista de Harris (1960) que visa a extrair a língua da fala, sem fazer apelo à significação, movimento contrário ao que, como se verá em seguida, farão os lingüistas e psicólogos voltados para a fala da criança na tentativa de explicar a aquisição de linguagem.

³ Essa mudança de rumo é apresentada e discutida em Lemos 2002.

⁴ Uma “solução” mais recente e não menos estranha é a de Radford (2004) que se propõe a dar conta desse momento lacunar em que, nas falas de crianças, faltam artigos, pronomes e outros tantos constituintes obrigatórios, como uma busca de perfeição pela criança, ao, de certa forma, deixar de lado o que seria redundante:

“A conclusão geral a que se chega a partir desta discussão é a de que, embora as línguas dos adultos sejam sistemas imperfeitos, o processo de aquisição é em si mesmo perfeito[...], as gramáticas iniciais desenvolvidas por crianças são perfeitas e as estruturas sintáticas iniciais produzidas por crianças são perfeitas[...] {Radford 2004: 13, tradução e ênfase minhas)

[...]

>Mommy sock
de dirty

Yes.
They are all dirty.

(*op. cit.*: p.47, ênfase minha)⁵

(88) (M putting K's sock on K)

>Mommy sock
Mommy sock

There.
That's not Mommy's sock
That's your sock. There.

>Kathrin sock.

(*op. cit.*: p. 48, ênfase minha)⁶

Note-se que em (79) a seqüência produzida por Kathrin é precedida pelo enunciado da mãe da qual é um fragmento e que é esse fragmento que recorta na cena descrita em (88) algo – meias – da cena anterior. Com efeito, a interpretação da mãe é efeito desse recorte que evoca a cena e o enunciado anterior, ao contrário da interpretação da investigadora que insiste no “contexto” e descarta tanto as relações entre os enunciados da mãe e os da criança quanto as relações entre os enunciados da criança produzidos em momentos diferentes (ver nota 2).

Foi diante desses episódios e de sua interpretação que, entre outras coisas, vim a me dar conta de que o investigador se inclinava, na verdade, a descrever não a fala da criança, mas sua própria interpretação, melhor dizendo, o “conhecimento lingüístico” que se atualiza em sua interpretação. Nem é preciso dizer quanto essa posição diante da fala da criança foi (e ainda é) determinante na construção de hipóteses e teorias na área conhecida por aquisição de linguagem.

Penso hoje que isso tudo me empurrou para uma outra direção. Em um tempo primeiro, para o reconhecimento metodológico e teórico da fala do outro na fala de crianças. Em um segundo, para o reconhecimento do “erro”, isto é, do que vem a comparecer como diferença entre a fala da criança e a do adulto, como o lugar metodológico possível para vislumbrar-se algo do processo de vir a ser falante. Subjacente a esses dois movimentos estava a convicção da impossibilidade de interpretar a fala da criança e da necessidade de, acima de tudo, interrogá-la.

Importa também dizer hoje que esses dois movimentos eram passos da direção da psicanálise, considerando-se o lugar que Lacan dá ao Outro primordial na subjetivação (ver, principalmente, 1996/1998) e o fato de que, a partir de Freud, o que do sujeito do inconsciente emerge na fala é da ordem do tropeço, do equívoco, como o lapso e o chiste. Foi ainda a partir dessa guinada metodológica que pude vir a pensar o porquê, a despeito da insistência de Jakobson (ver, principalmente, 1973), a lingüística

⁵ Tradução: “(M está segurando suas meias) Olha as meias sujas da mamãe. Lavar. Vamos lavar roupa e lavar elas [...]” Kathrin diz: “Meia mamãe. [segmento de “them”?] suja.”

⁶ Tradução: “(M calçando as meias de K em K) Kathrin diz: Meia mamãe. Meia Mamãe. M diz: Olha. Não é a meia da mamãe. É a sua meia. Kathrin diz: Meia Kathrin.”

sempre teve muito pouco a dizer sobre a poesia⁷ e mesmo sobre a literatura, de uma maneira geral.

Essa breve incursão pela minha experiência com a fala de crianças, a partir de uma posição que se valia da linguística, sem a ela, contudo, aderir, me serve aqui para dar um mínimo de suporte ao impasse que o título deste trabalho anuncia. Resumindo: Bloom, como tantos outros investigadores, almeja extrair da fala da criança o quanto da língua ela, a criança, sabe. Contudo, para fazê-lo, não pode deixar sua condição de sujeito falante, isto é, de submeter essa fala a seu ato de interpretação, nem pode, portanto, referir esse ato a uma instância de puro conhecimento linguístico.

Em outras palavras: tanto as dicotomias língua vs.. fala, competência vs. desempenho, quanto suas conseqüências, isto é, de um lado, o apagamento da singularidade de um ato de fala, de outro, a reivindicação dessa singularidade em nome da necessidade de dar forma e limites à expressão “sujeito falante”, incidem não só nos seres falantes aos quais se atribui uma fala ou um saber, como no lingüista ao qual se atribui a tomada dessa fala ou desse saber como objeto.

Muito já se refletiu e se escreveu sobre essas questões do ponto de vista do objeto da linguística. Pouca atenção, porém, foi dada a suas implicações no que diz respeito à prática do lingüista. O que trago aqui é uma contribuição preliminar a uma necessária discussão dessas implicações, a partir das tentativas de alguns lingüistas no sentido de distinguir a posição do falante da posição do lingüista diante do que poderíamos chamar de “lingüístico”. Haveria, sob esses gestos metodológicos, a intenção de eliminar um problema reconhecido? Teriam esses gestos impedido o retorno do supostamente eliminado?

Um gesto que merece ser destacado é o de Benveniste(1964/1988). Ao reconhecer no que chama de frase a unidade que, por não ter distribuição nem emprego, atualiza a fronteira entre língua e discurso, Benveniste faz dessa fronteira o que separa o lingüista do locutor:

Vemos nessa dupla propriedade da frase a condição que a torna analisável para o próprio locutor, a começar pela aprendizagem que ele faz do discurso quando aprende a falar e pelo exercício incessante de sua atividade de linguagem em todas as situações. (*op.cit.*: 140)

E mais adiante:

O locutor pode não ir mais longe: tomou consciência do signo sob a espécie da “palavra”. Fez um início de análise linguística a partir da frase e do exercício do discurso. Quando o lingüista tenta, por sua vez, reconhecer os níveis de análise, é levado por uma operação inversa – partindo das unidades elementares – a fixar na frase o nível último. É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Ai começa a linguagem. Pode-se dizer decalcando uma fórmula clássica: *nihil est in lingua quod non prius fuerit in oratione.*(*idem, ibidem*)

É tentador relacionar a ênfase dada por Benveniste à prioridade da fala/ discurso/ *oratione* ao que diz Milner sobre a fronteira traçada por Saussure ao definir a língua como o objeto da linguística:

[...] não é certo que a linguística tenha que tratar de todos os fenômenos que têm a ver com a linguagem. Sabe-se em particular que Saussure excluiu de seu campo tudo o que dizia respeito à fala como lugar de emergência do sujeito. Ora, essa é a primeira tese do Discurso de Roma de Jacques Lacan: se se toma fala no sentido saussureano, é ela própria que determina o domínio em que se exerce a psicanálise.[...] Na medida em que, portanto, a linguagem importa para a psicanálise, ela se constitui nos limites da linguística, admitindo-se, entretanto, que, ao dizer-se limite, diz-se também **contato constante**. Lacan viria a forjar a palavra lingüisteria para designar

⁷ Ver, a propósito, Lemos 1998.

essa relação de proximidade incessante e de heterogeneidade absoluta (Milner 1995: 3, tradução e ênfase minhas).

Por que não entender o limite, atualizado pela frase, entre língua e discurso, entre domínio do lingüista e domínio do falante, como o que tanto une quanto separa esses domínios, e a “operação inversa” do lingüista a que se refere Benveniste como o avesso de sua experiência como falante?

Tratar essa operação pela qual se constrói *um* saber *sobre* a língua como avesso do saber *a* língua⁸ me permite, pelo menos, chamar a atenção para o contraste entre o gesto de Benveniste e o de Chomsky que é, como se sabe, quem cunhou a expressão “falante-ouvinte ideal”.

Partindo-se do fato de que a gramática que Chomsky crê dever construir é gerativa, isto é, visa a gerar o “possível” e não o que é “atualizado” em enunciados, é de se supor que sua rejeição do desempenho lingüístico como empiria, assim como a idealização do falante como instância de puro conhecimento, seja uma consequência metodológica de sua posição teórica. Isso, porém, está longe de ser o caso: na verdade, parece que Chomsky hesita quanto ao lugar que tem destinado, no decorrer de sua fecunda produção, ao falante e ao lingüista.

Em 1965, logo no início do primeiro capítulo de livro *Aspects*, capítulo esse intitulado Preliminares Metodológicos, sua preocupação é menos teórica que empírica e tem como alvo eliminar o heterogêneo. Contudo, assimila “possível” a “homogêneo” e reduz o “heterogêneo” ao “irrelevante”, como se lê a seguir:

A teoria lingüística tem a ver fundamentalmente com um falante-ouvinte ideal, em uma comunidade de fala completamente homogênea que sabe sua língua perfeitamente e não é afetada por condições gramaticalmente irrelevantes como limitações da memória, distrações, desvios de atenção e de interesse, e erros (casuais ou sistemáticos) ao aplicar seu conhecimento da linguagem ao seu atual desempenho [...].

Só a partir da idealização apresentada no parágrafo precedente, o desempenho é um reflexo da competência. Na verdade, ela obviamente não poderia refletir a competência diretamente. Uma gravação de fala natural vai mostrar numerosos falsos começos, desvios de regras, mudanças de direção no decurso da fala e assim por diante. O problema para o lingüista, assim como para a criança que está aprendendo a língua é determinar a partir de dados de desempenho o sistema subjacente de regras que foi dominado pelo falante-ouvinte e posto em uso no desempenho(op. cit.: 3-4, tradução e ênfase minha.).

Na posição do informante do estruturalismo americano em que se formou, Chomsky coloca o falante-ouvinte ideal: é essa idealização que o sujeito falante atualiza ao fazer julgamentos de gramaticalidade e em que o lingüista se mira.

Já em 1986, esse seu gesto metodológico ganha uma direção epistemológica: ao discutir questões sobre como o conhecimento da linguagem é posto em uso, Chomsky se refere ao desempenho, não mais como heterogêneo e impuro, mas como ação humana, livre e indeterminada o que, segundo Descartes, a qualifica como matéria que ultrapassa o entendimento humano (Chomsky 1986: 222-223).

Não há dúvida de que o alvo de Chomsky é o conhecimento lingüístico dissociado do que considera uso, uso que é uma ação...humana. Disso decorre também o fato de que tanto os julgamentos de gramaticalidade do sujeito falante na posição de falante-ouvinte ideal, quanto a atividade do lingüista, não são tidos como ações nem enquanto *uso* de conhecimento. De que lugar, então, seriam emitidos esses julgamentos e/ou seriam construídos esses dispositivos que explicitariam o funcionamento tanto da língua quanto das línguas?

⁸ Ver, a propósito, Lemos 1991.

Poder-se-ia dizer, com razão, que essas questões metodológicas deixaram de fazer sentido a partir do Programa Minimalista. Isso, contudo, não quer dizer que foram resolvidas: uma prova disso é a entrevista dada por Chomsky em Maceió, por ocasião de sua visita ao Brasil em 1996. Nela, depois de mais uma vez invocar “um cientista marciano que poderia com razão concluir que há uma única língua humana, com diferenças apenas marginais”(Chomsky 2000:7) , ele diz:

Começamos um programa sob sua direção [a de Ken Hale] para ensinar os princípios básicos da lingüística para americanos nativos tais como falantes do Hopi e do Navaho. Trouxemos essas pessoas para o MIT, embora elas tenham tido menos educação formal do que a maioria dos que entram no MIT **com a idéia de que seria mais fácil ensinar lingüística para eles do que nós aprendermos sua língua.** Parece que estávamos certos.[...].

Então eles começaram a trabalhar com suas línguas. **É claro que descobriram todo o tipo de coisa que nenhum dos lingüistas antropológicos nunca havia notado, [...] é preciso ter realmente um domínio completo da língua para estudá-la seriamente [...]** .(Chomsky 1997: 206, tradução e ênfase minhas).

A idealização de um “fora da linguagem” ou de um “além do humano”, representado pelo “cientista marciano”, choca-se aí com o “domínio completo da língua” do falante nativo que, paradoxalmente, encarna um “dentro da língua” e, ao mesmo tempo, um lugar de onde pode dominá-la. Essa vacilação entre um externo e um interno como lugar de onde o falante-lingüista pode tanto controlar quanto apreender seu objeto se faz ver com mais clareza em outros momentos da mesma entrevista. Primeiro, no que se segue à citação precedente:

Se você sabe o que está procurando, mesmo se for alguém que tenha muito pouco talento para línguas como eu, pode fazer perguntas que levarão a respostas interessantes. **Isto acontece porque são perguntas corretas não porque eu saiba alguma coisa sobre a língua** (*idem, ibidem*).

e quando o entrevistado responde a uma pergunta sobre idealização:

[...] mas “idealização” é um termo que pode provocar alguns mal-entendidos, porque seu verdadeiro significado é: se mover em direção à realidade. Quando você fala em idealização ou abstração, é um esforço para encontrar a realidade. Quando fazemos uma esfera deslizar por um plano sem atrito, isso se chama idealização, mas o que estamos realmente fazendo é buscando o princípio real pelo qual as coisas atraem umas às outras. **Os fenômenos é que são inconvenientes porque são complicados demais . É como se a realidade se escondesse por trás dos fenômenos: é necessário se livrar de grande parte dos fenômenos para encontrá-la.** (op. cit.: 220)

No final de seu artigo, já citado, sobre lingüística e psicanálise, Milner se detém na estrutura paradoxal que se estabelece entre o lingüista e a língua, na medida em que ele só é lingüista na medida exata em que é sujeito falante e em que isso lhe impõe um retorno constante a si mesmo. Concluindo, ele diz:

[...] A lingüística tem que assumir esse paradoxo; ora, a psicanálise se encontra diante de um paradoxo semelhante, já que só um ser afetado por um inconsciente pode ser analista. Mas, diferentemente da lingüística, a psicanálise não se limita a aceitá-lo: ela dele trata empírica e teoricamente. Resta mostrar se a ciência lingüística pode escutar, sobre esse ponto, o discurso analítico” (Milner 1995: 15, tradução minha)

Se a lingüística pudesse escutar o discurso analítico sobre esse ponto, teria que começar por reconhecer que a condição do falante, indissociável da posição do

lingüista, é, antes de tudo, a de objeto do desejo do Outro e, portanto, efeito de haver linguagem. Nesse sentido, quero lembrar que em meu trabalho sobre fala de crianças tenho argumentado contra a visão de que a criança *adquire* linguagem e a favor da *captura* da criança pela língua em ato na cadeia significante em que poderá vir a emergir como sujeito. Que esse sujeito não possa ser simplesmente identificado a falante, é o que encontro dito de forma precisa por Pommier:

Como diferir de si, como cessar de ser um objeto tomado no desejo do Outro? Como pode bem nascer um sujeito, a despeito de sua dívida, do que é devido? Sim, como senão graças a uma operação em que o produto se torna ator, que produz o que o faz ator, conforme o desfile implacável do processo secundário freudiano, a da infinita produção do pensamento[...] **Qual é a função desse encadeamento constante do pensamento e da fala que disso dá conta? Sua primeira função é ser performativa, isto é, permitir a existência do sujeito que, ao falar, recalca uma posição de objeto do Outro.**” (Pommier 2004: 120)

Eis-nos mais uma vez diante dos limites da lingüística, tendo que nos haver com eles e com nossa condição de objetos que *podem* vir a emergir como sujeitos ao tomarmos a palavra. Só a partir desses limites e do impossível que os ronda, penso ser possível *escutar* o Outro, as Outras teorias e, retomando o gesto de Jakobson, a literatura e a teoria literária, em sua condição de Outro da lingüística..

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENVENISTE, E. (1964/1988) Os níveis de análise lingüística. Em **Problemas de Lingüística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e maria Luiza Neri. Campinas: Pontes e Editora da UNICAMP (127-140).
- BLOOM, L. (1971) **Language development: Form and function in emerging grammars**. Cambridge: The MIT Press.
- CARVALHO, G.M.(2006) O erro em aquisição de linguagem: um impasse. Em M.F. Lier-De Vitto e L. Arantes (orgs.) **Aquisição, patologias e Clínica de Linguagem**. São Paulo: EDUC (63-78).
- CHOMSKY, N. (1965) **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: The MIT Press.
- _____ (1986) **Knowledge of Language: its nature, origin and use**. New York: Praeger.
- _____ (1997) Lingüística Gerativa: Desenvolvimentos e Perspectivas. Uma Entrevista com Noam Chomsky. **DELTA vol. 43**, número especial (195-229).
- _____ (2000) **New Horizons in the Study of Language and Mind**. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press.
- FARIA, N.R.B (em preparação) Harris e a imperfeição como condição de acesso à língua.
- JAKOBSON, R. (1973) **Questions de Poétique**. Paris: Seuil.
- LACAN, J. (1998[1966]) **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar.
- LEMONS, C.T.G.(1991) Saber a língua e o saber da língua. Aula inaugural. Publicação interna do IEL-UNICAMP
- _____ (1998) Da poética ao significante. **Traço 2** (1-19)
- _____ (2002) Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de Estudos Lingüísticos 42** (41-69).
- MILNER, J.-Cl. (1989) **Introduction à une Science du Langage**. Paris: Seuil.
- _____ (1995) Linguistique et psychanalyse. *Encyclopaedia Universalis* (www. lutecium.org.)

POMMIER, G. (2004) Da passagem literal do objeto ao moedor do significante. In Charles Melman et al. *O significante, a letra e o objeto*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud (120).

RADFORD, A. (2004) Children in Search of Perfection: Towards a Minimalist Model of Acquisition. In www.essex.ac.uk/~radford/PapersPublications.